

ENCONTROS E (RE)ENCONTROS COM A INTERVENÇÃO: reflexões e contribuições nos modos de pesquisar

Catarina Tereza Farias de Oliveira
Maria Evilene de Sousa Abreu

Introdução

A proposta principal deste artigo é apresentar uma reflexão sobre os processos que nos levaram a uma aproximação inicial com a cartografia, através da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.¹⁹¹ Assim, a tentativa é trazer uma problematização sobre os modos de intervir na pesquisa e como inserimos estes em nossas trajetórias e pesquisas em andamento.

Por ser o artigo escrito em coautoria, essa reflexão ocorreu de forma diferenciada para as duas autoras, mas de modo geral, tem sido discutida em parceria, por estarmos vivendo a relação de orientadora e

¹⁹¹ Pesquisa realizada simultaneamente em Fortaleza e Porto Alegre, no período de 2011-2013, amparada no Grupo de Pesquisa da Relação da Infância, Juventude e Mídia (GRIM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa teve a participação de organizações e coletivos de jovens de Fortaleza e Porto Alegre.

orientanda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, por compartilharmos concepções de pesquisa muito próximas.

Se uma pesquisadora vivenciou de modo mais intenso sua relação com a pesquisa In(ter)venções e adotou em suas pesquisas a cartografia, a outra que havia abortado sua militância, construída na graduação com práticas de comunicação alternativa, teve a oportunidade de tecer novos fios com a intervenção a partir das provocações que a pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre trouxe para sua vida acadêmica.

Entre 2010 e 2012, vivenciamos dois momentos intensos e densos como pesquisadoras, o que nos despertou algumas questões teórico-metodológicas. A primeira experiência aconteceu durante a pesquisa de pós-doutorado¹⁹² em que trabalhamos com o método etnográfico. A segunda ocorreu durante a participação na pesquisa In(ter)venções. Ambas as experiências dispararam muitos processos e reflexões sobre os modos de pesquisar.

Se a etnografia era um desafio pelo fato de assumirmos a estadia demorada, atenta e sistematizada em campo, com permanente observação e proximidade com o contexto dos sujeitos pesquisados, a cartografia surgiu como uma possibilidade para repensarmos o(a) pesquisador(a) militante que além de interpretar, intervém. Tínhamos então dois tipos de pesquisadores: o observador/intérprete e o observador/interventor.

Na primeira seção, destacamos como construímos e sistematizamos as reflexões teóricas deste artigo, dentre as quais se destaca uma abordagem reflexiva sobre a hegemonia do paradigma interpretativo nas pesquisas das ciências sociais e humanas. Em seguida, descrevemos um breve panorama das vivências na pesquisa In(ter)venções, trazendo as aproximações e interrogações relevantes em nossa trajetória de pesquisa atual.

¹⁹² A pesquisa estudou, entre 2010-2011, os processos comunicacionais vividos no assentamento Itapuí, localizado em Nova Santa Rita, distante 35 km de Porto Alegre/Sul/Brasil.

Os encontros com as teorias: idas e vindas

Num primeiro momento, nossas reflexões foram traçadas nas nossas trajetórias como pesquisadoras e outras realizadas ao longo dos processos de formação, acompanhadas por colegas, estudantes e orientandos(as). Com o desafio teórico de não romper com a dimensão compreensiva do paradigma interpretativo, mas propor um diálogo sobre os métodos da pesquisa-ação, pesquisa participante e cartografia, nos posicionamos no campo de pesquisa, com a decisão não mais apenas de compreender, mas observar e tecer significados, tendo uma posição interventiva em campo.

As experiências de campo vividas por nós nas pesquisas: *O direito a palavra* (OLIVEIRA, 1994);¹⁹³ *Escuta Sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias* (OLIVEIRA, 2002);¹⁹⁴ *Comunicação, recepção e memória do Movimento Sem Terra: etnografia do assentamento Itapuí* (OLIVEIRA, 2012)¹⁹⁵ e o estudo sobre *As apropriações da comunicação audiovisual pela juventude rural* (ABREU, 2013)¹⁹⁶ tiveram/têm como foco de discussão as práticas comunicacionais dos movimentos sociais e nos levam a questionar em que medida o paradigma interpretativo, fundamental para a compreensão das experiências pesquisadas, pode dar lugar a uma postura mais interventiva.

¹⁹³ A pesquisa estudou a Rádio Santo Dias no bairro Conjunto Palmeiras, entre 1991-1993, no Ceará/Nordeste/Brasil. A pesquisa de campo realizou entrevistas com comunicadores da emissora e gravação da programação para análise.

¹⁹⁴ Estudo de recepção das emissoras Mandacaru FM, localizada em Fortaleza/Ceará/Nordeste/Brasil e da Rádio Casa Grande FM, em Nova Olinda, município distante 600 km de Fortaleza. Nova Olinda é uma cidade com pouco mais de 12 mil habitantes, enquanto Fortaleza tem mais de 2 milhões e meio de habitantes. Ver na íntegra: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000246926>

¹⁹⁵ Pesquisa realizada no assentamento Itapuí, localizado em Nova Santa Rita, distante 35 km de Porto Alegre/Sul/Brasil, entre 2010-2011.

¹⁹⁶ Pesquisa em andamento, realizada no assentamento rural Barra do Leme, localizado na região norte do Ceará/Nordeste/Brasil. Busca compreender as apropriações da comunicação audiovisual por jovens rurais e de que maneira eles se organizam e produzem as imagens de si e da comunidade.

Não desconhecemos a relevância da pesquisa interpretativa, tampouco, as investigações que geram a intervenção após seus términos. Porém, nos interrogamos: por que compreender tem sido, muitas vezes, o foco de nossos debates e práticas acadêmicas nas ciências humanas? Sem dúvida, os preceitos dos fundamentos históricos que problematizaram as Ciências Sociais e Humanas têm sua base em Weber quando este autor discute as possibilidades de captação da interação entre homens e valores no seio da vida cultural. Como para este sociólogo, a realidade é infinita, somente capturada em fragmentos da vida em sociedade (TOSI, 2007), esse pensamento provocou esta postura interpretativa e micro nas Ciências Sociais. Do mesmo modo, Weber concebe a sociedade, não como um bloco, mas como uma teia de significados. Santos Filho (1995) nos traz outras contribuições sobre o que o autor denomina paradigma qualitativo ou interpretativo, apontando os nomes de Husserl e Weber como autores importantes que destacaram o tema da interpretação e da compreensão como bases da postura teórico-metodológica adotada nas Ciências Sociais.

Segundo Haguette (1985), esta postura metodológica se opõe tanto aos paradigmas quantitativos quanto às análises macros da sociedade mais próximas ao marxismo. Para Santos Filho (1995), o protótipo dessa pesquisa interpretativa será a etnografia. Temos assim uma base teórica na sociologia interpretativa e, depois na antropologia, que serão os suportes desta fundamentação mais dura da postura compreensiva nas Ciências Sociais. Tanto na sociologia interpretativa e de forma mais intensa na microssociologia, quanto na etnografia, o pesquisador é tradicionalmente um observador, dedicado a compreender os significados das ações, valores, crenças e culturas dos grupos em sociedade.

Malinowski (1978) iniciou as discussões sobre a participação do pesquisador em campo e suas pesquisas foram pioneiras na construção da postura do pesquisador como observador. No entanto, mesmo se destacando por sua inserção no campo, afirmava não realizar durante o processo de investigação interferências no cotidiano. Compreendemos que a mudança do universo pesquisado ocorre com a presença do pesquisador, porém, não implica intervenção no sentido em que estamos propondo pensar. Claro que um ser estranho ao contexto vivido, no

caso, a inserção do pesquisador, em si, traz este caráter de modificar a realidade pesquisada. Entretanto, não é dessa intervenção que estamos falando, mas de um posicionamento que é definido nos planos da observação e inserção do pesquisador como parte do método, da realização de tarefas e conversas em campo. Um sentido de intervenção, teorizado e refletido de forma distinta pela pesquisa-ação, pesquisa participante e cartografia. Este processo de observação e não intervenção foi problematizado de forma diferenciada, primordialmente, como meio de garantir o distanciamento entre pesquisador e objeto pesquisado.

Brandão (1999) ressalta que “durante anos aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua própria pessoa, ou seja, de sua subjetividade” (BRANDÃO, 1999, p. 7). Assim, vivemos parte desta reflexão e realidade, no final dos anos 80 e 90, na pesquisa “O direito a palavra” (OLIVEIRA, 1994), desenvolvida durante o mestrado. As orientações neste estudo eram nos determos a uma postura distanciada do trabalho militante oficinairo, ora exercido fora da iniciante “vida acadêmica”.

Na época, compreendemos esta necessidade e procuramos “isolar” a ação de pesquisadora daquela de oficinaira. Diminuímos no que foi possível, mas admitimos que, por algumas vezes, não pudemos negar ministrar uma oficina para os comunicadores de rádio. Porém, o fizemos sempre em tom de reconhecer que fazer a pesquisa naquele contexto implicava devolver algo aos sujeitos pesquisados. Mas, em geral, adotamos uma postura de distanciamento e de observação, que nos acompanhou até o pós-doutorado e a participação na pesquisa In(ter)venções, que possibilitou reconstruir a relação com a pesquisadora militante.

Desde a graduação, na década de 80, participava como oficinaira, de cursos de formação para comunicadores populares nos bairros de periferia de Fortaleza. Essa militante tinha dado lugar à pesquisadora e professora universitária que cada vez mais se embrenhava em processos de pesquisa coroados pelo paradigma interpretativo. Apesar de realizarmos com frequência pesquisas de campo e adentrarmos o universo contextualizado do cenário da investigação, seja para realizar entrevistas, fazer discussões em grupos focais, colher relatos de vida, rea-

lizar observação participante, foi somente após realizar uma pesquisa etnográfica, que começamos a assumir em nossas pesquisas essa aproximação e construção coletiva, problematizando o ato de observar e intervir de maneira integrada.

A Intervenção: chega de distanciamento

Os processos mais contemporâneos que nos levaram à discussão principal deste trabalho foi a investigação no assentamento Itapuí, que faz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST¹⁹⁷). No entanto, a ideia de intervenção não foi consolidada durante o processo de investigação no Itapuí, mas foi fruto da nossa trajetória de pesquisadora alinhada às vivências de militante, que logo foi retomada nas atividades da pesquisa In(ter)venções.

Na pesquisa etnográfica realizada, durante o pós-doutorado, no assentamento Itapuí, entre outubro de 2010 e julho de 2011 (OLIVEIRA, 2012), discutimos o processo de circulação das mídias do MST neste assentamento. Chegamos, dentre outras conclusões, à compreensão de que no assentamento Itapuí, as mídias do MST circulam de forma frágil; os(as) assentados(as) reatualizam suas memórias em meio a tensões cruzadas por três eixos básicos: mediações dos meios de comunicação de massa, que são os principais difusores das performances do MST para estes sujeitos; mediações de práticas culturais e sociais, vividas no cotidiano do assentamento que reatualizam suas relações com o MST e, finalmente, mediações do MST que ocorrem em formas de participação dos(as) assentados(as) em processos de mobilização do MST nos quais estes(as) Sem Terra se envolvem. No decorrer da identificação desses processos mediadores nas experiências do assentamento e dos modos como este atualiza e reatualiza suas relações e memórias com o Movimento Sem Terra ficaram evidentes que as mídias do MST não circulam no assentamento, pois este movimento tem muitas demandas e não consegue ter a comunicação como centro de

¹⁹⁷ Movimento político-social brasileiro, fundado na década de 1980, que se organiza em torno de três objetivos principais: a luta pela terra; pela Reforma Agrária; e por uma sociedade mais justa e fraterna. www.mst.org.br

atividades no Itapuí. Compreendemos ao final desta pesquisa, que os(as) assentados(as) precisam de pontos de confronto para os assuntos que a mídia de massa ou comercial veicula sobre o Movimento Sem Terra, bem como, sobre temas que o movimento vem problematizando como: gênero, juventude, comunicação, agroecologia, dentre outros.

A partir desta conclusão na pesquisa de pós-doutorado, resolvemos realizar uma pesquisa-ação ou pesquisa intervenção que pudesse apoiar ações comunicativas do MST em assentamentos, a fim de verificar se estas trazem relevância discursiva aos processos de mobilizações e ações do MST, bem como, à práxis cotidiana da vida dos(as) assentados(as). Entretanto, foi a aproximação com a etnografia e os confrontos teórico-metodológicos com os processos reflexivos vividos na pesquisa In(ter)venções que nos provocou a pensar no caráter essencialmente interpretativo e compreensivo da etnografia. Assim, lembramos o pensamento de Santos Filho (1995), ao constatar que o modelo maior da pesquisa qualitativa, a etnografia, nos colocou diante do dilema de um eterno espírito compreensivo. Percebemos que ela pautou nossa trajetória como pesquisadora, separando, inclusive, a trajetória inicial como militante e pesquisadora.

Tomando teoricamente Brandão (1999), explicamos que será esse limite preso ao posicionamento puramente observador que nos faz repensar e buscar ampliar nossa atuação acadêmica do método etnográfico, nas pesquisas em andamento com movimentos sociais nos assentamentos Lagoa do Mineiro¹⁹⁸ e Barra do Leme,¹⁹⁹ localizados no estado do Ceará, região nordeste do Brasil.

¹⁹⁸ A pesquisa no assentamento Lagoa do Mineiro, localizado no município de Itarema, distante 204 km da capital Fortaleza, encontra-se em fase inicial, e tem como objetivo compreender como o assentamento é capaz de construir processos para vivenciar a comunicação e os processos culturais existentes nesse cenário. No assentamento existe um ponto de Cultura que desenvolve trabalhos com artes com a juventude e também possui, além da rádio comunitária, uma escola do campo. A população de Lagoa do Mineiro é de 130 famílias assentadas e 87 agregadas.

¹⁹⁹ O assentamento Barra do Leme se localiza no município de Pentecoste, distante 88 km de Fortaleza. Formado em 1996, por antigos moradores da fazenda e famílias vindas de lugares próximos, tem uma população estimada em 300 pessoas e sua organização baseia-se no cuidado com a terra.

Encontro e (Re)encontro com a pesquisa-intervenção

O encontro, inicialmente disperso, com a pesquisa intervenção aconteceu de modo mais intenso na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre. Esta experiência de pesquisa possibilitou disparar muitos processos e reflexões sobre os modos de pesquisar, a partir dos usos de diversos “dispositivos”, considerados por Foucault (1979) como elementos heterogêneos da ordem do dito ou do não dito que produzem diversas conexões. Entre os dispositivos que foram compondo a pesquisa tivemos: encontros do coletivo, oficinas, rodas de conversas e mostras audiovisuais, que juntos possibilitaram construir um mapa dos territórios da pesquisa, ao mesmo tempo em que nos dava pistas para o estudo e nos movia a realizar algumas intervenções.

Dessa forma, a partir da ideia de que cada membro do Coletivo de Pesquisa tinha suas inquietações sobre os modos de intervir e inventar da juventude foi apresentado nos encontros do Coletivo as intervenções individuais ou aproximações com jovens que trabalhavam com audiovisual. Nosso desejo de discutir sobre a temática *juventude rural*, embora não sendo o foco da pesquisa, foi apresentado a partir do compartilhamento no Coletivo do vídeo-documentário “Nossa Vida Não Cabe Num Curta”,²⁰⁰ produzido com a participação de duas integrantes do Coletivo.

A apresentação possibilitou o debate sobre as questões que envolvem o universo da juventude rural que, segundo Castro (2005), é uma temática constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Com isso, esta juventude permanece excluída, pois diversas outras questões que os jovens do meio rural vivenciam não são pautadas pelas políticas públicas, pela mídia e até pelos movi-

²⁰⁰ *Nossa Vida Não Cabe Num Curta* apresenta relatos das histórias de vida de jovens do interior do Ceará, que após ingressar no Ensino Superior na Capital, retornam para as suas comunidades para desenvolver projetos com foco no desenvolvimento da produção local com outros jovens e agricultores familiares, construindo uma lógica ‘inversa’, ao que as pesquisas apontam com relação ao fluxo migratório campo-cidade da juventude.

mentos sociais, que ainda veem os jovens como revolucionários, com capacidade para operar rupturas e confrontações (SALES, 2003).

Assim, no intuito de conhecer como as juventudes de Fortaleza e Porto Alegre participam e compõem imagens de seus territórios através do audiovisual, fizemos uso do dispositivo Roda de Conversa com o intuito de conhecer os territórios de produção e criação destes jovens. Realizadas no primeiro ano da pesquisa, as Rodas de Conversas tinham como objetivo principal fazer um mapeamento dos possíveis territórios da pesquisa e nos aproximar de organizações, coletivos de jovens e pesquisadores que realizam e constroem paisagens da cidade através do audiovisual.

As Rodas de Conversas foram significativas para o desenvolvimento e amadurecimento dos pesquisadores e proporcionou a vinda das organizações e coletivos de jovens da cidade até a academia. Essa aproximação entre pesquisador e integrantes dos territórios contribuiu para o fortalecimento e estabelecimento de vínculos entre academia e comunidade, uma vez que muitos desses territórios foram investigados, e na maioria das vezes, nunca adentraram os espaços da universidade, nem tiveram retorno das pesquisas de que participaram. Além de trazer os territórios à universidade, aconteceram diversas discussões sobre os modos de ser de cada participante, tanto os jovens como os pesquisadores tiveram a oportunidade de conhecer um pouco das histórias de vida de cada um.

Em uma das Rodas de Conversa tivemos como convidada a Academia de Ciências e Artes (Acartes²⁰¹), organização que atua há 12

²⁰¹ A Acartes é uma organização da sociedade civil, criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza), por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve um trabalho voltado para cultura, através da formação de jovens e adolescentes nas diversas linguagens artísticas como: cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e teatro de bonecos. Em 2004, a ONG foi selecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 o número de jovens beneficiados. Em 2010, através de uma parceria, com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/CE) está realizando oficinas audiovisuais para jovens de 11 assentamentos rurais do MST. <http://academia-decinema.blogspot.com.br/>

anos no Pirambu.²⁰² A Acartes faz um trabalho voltado para cultura, através da formação de jovens e adolescentes nas diversas linguagens artísticas como: cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e de bonecos. Além das atividades de formação no Pirambu, a Acartes desenvolve o projeto fábrica de sonhos²⁰³ que produz alguns equipamentos audiovisuais, como gruas, e realiza oficinas de audiovisuais para jovens de assentamentos rurais, em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária,²⁰⁴ iniciativa desenvolvida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE).

O conhecimento das oficinas audiovisuais desenvolvida pela Acartes nos assentamentos rurais nos mobilizou a fazer conexões com espaços para além do urbano e nos possibilitou o desejo de retomar algumas questões relacionadas à juventude rural que nos moviam. Embora a realidade vivida no meio rural tenha mudado nos últimos anos, consideramos que as relações estabelecidas entre os jovens do Pirambu (que atuavam como oficineiro no assentamento) e os jovens assentados constituem uma pluralidade de vivências culturais entre eles.

Assim, a temática juventude rural retomou as questões do Coletivo de Pesquisa, e logo nos apropriamos da mesma, ao sermos instigadas a cartografar como os jovens de um dos assentamentos participantes das oficinas da Acartes faziam uso da linguagem audiovisual em seu cotidiano. O intuito era tornar visíveis estes sujeitos e

²⁰² O Pirambu é uma comunidade urbana, localizada na zona oeste da cidade de Fortaleza – CE, distando aproximadamente 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade, numa antiga área de marinha e de alguns proprietários de posse do Estado, hoje considerada de propriedade comunitária, segundo o decreto nº 1.058, de 25 de maio de 1962, que declara tais terras de utilidade pública para execução de plano habitacional, em favor de seus moradores. Possui enorme densidade demográfica, com população de aproximadamente 270 mil habitantes integrando o chamado “Grande Pirambu” composto pelos bairros Nossa Senhora das Graças, Cristo Redentor, Colônia, Tirol e Quatro Varas.

²⁰³ Ver no texto de Célio Turino “Vista para o mar”, no livro Ponto de Cultura: O Brasil de baixo para cima, 2009, p. 35 -47.

²⁰⁴ Iniciativa pioneira no Brasil, que surgiu em 2003, articulando hoje mais de 40 grupos de assentamentos de reforma agrária. Surgiu mediante a identificação de uma demanda nos assentamentos de reforma agrária no campo da arte e da cultura, haja vista, a vasta produção existente nessas comunidades e a ausência de qualquer incentivo, seja do Estado ou da iniciativa privada. <http://arteculturanaareformaagraria.blogspot.com.br>

tentar compreender como ações como estas da Acartes em parceria com o Arte e Cultura na Reforma Agrária – INCRA/CE, podem contribuir com as práticas socioculturais da juventude rural. Partindo destas vivências do Coletivo de Pesquisa nos propomos a desenvolver uma pesquisa intervenção a partir das vivências dos jovens de um assentamento rural.

Na primeira fase, entre abril e agosto de 2013, mapeamos os assentamentos rurais que participavam das oficinas da Acartes, realizamos conversas com os jovens, acompanhamos algumas oficinas, nos aproximamos e definimos como território da pesquisa o assentamento Barra do Leme, em Pentecoste/CE. Inicialmente catalogamos informações sobre o assentamento, as ações socioculturais realizadas com/pelos jovens; acompanhamos as oficinas audiovisuais realizadas para os jovens e visitamos o assentamento com o intuito de estabelecermos contatos e fazermos observações mais gerais. Nesse sentido, revelamos que estar em campo nesta pesquisa, ainda é um estilo em construção que está se estabelecendo a partir do contato com o campo e dos processos de intervenção que podem vir a ser planejados com os sujeitos pesquisados.

(In)conclusões e reflexões sobre os modos de pesquisar

Para continuar nossos processos, partimos para definir que sentido daríamos à intervenção, diferenciando-a de outros modos que a concebiam. Iniciamos nossa problematização com a crítica apontada por Brandão (1999). É exatamente a partir da postura interpretativa da etnografia que o autor nos indaga sobre uma postura mais interventiva. Brandão (1999) assim se pronuncia sobre a entrada do etnógrafo em campo:

Este mergulho por inteiro no mundo do outro não impediu que uma ciência sociologicamente renovada se desobrigasse das questões efetivamente sociais das condições de vida dos outros. Assim, uma antropologia, cujo método, era enfim participativo, nem por isso tornou-se ela própria politicamente participativa, a partir do que começou a descobrir (BRANDÃO, 1999, p. 12).

O lugar do qual Brandão (1999) nos fala é o do investigador que defende a postura do pesquisador participante. Uma postura em que a intervenção não se separa do ato de pesquisar. Entretanto, não será apenas a pesquisa participante que propõe esta postura interventiva. Tem-se a pesquisa-ação e a cartografia, ambas falam em intervenção de lugares teóricos distintos. Nesse sentido, destacaremos dois pontos que nos fazem optar por uma concepção e não por outras. Em primeiro lugar, observa-se que essa dimensão participativa não pode ser confundida com uma postura de “simples observação participante”. Para o autor, na pesquisa-ação,

a participação dos pesquisadores é explicitada dentro da situação de investigação, com os cuidados necessários para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação. Além disso, a participação dos pesquisadores não deve chegar a substituir a atividade própria dos grupos e sua iniciativa (THIOLENT, 1986, p. 16).

O autor não se refere aqui à pesquisa participante nos moldes em que a identifica teoricamente Brandão (1999), mas a observação participante nos moldes em que define a etnografia ou a microssociologia, uma observação sem intervenção direta e definida nos projetos de pesquisas. Em segundo lugar, é interessante destacar que tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante, embora se aproximem em alguns pontos quando definem posturas interventivas e processos de conscientização dos sujeitos pesquisados, guardam distinções de suas matrizes teóricas.

A pesquisa-ação mais próxima de uma vertente Marxista (THIOLENT, 1986) e a pesquisa participante mais associada a uma visão freiriana da educação (BRANDÃO, 2006). Como semelhanças, ambas defendem a intervenção a partir de objetivos que priorizam a conscientização e o envolvimento dos sujeitos pesquisados como pesquisadores no processo de pesquisa. De outro lugar teórico, Brandão (2006) destaca de forma semelhante a problemática da conscientização enquanto meta da pesquisa participante. “Pensamos que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos

que aumentem consciência e capacidade de iniciativas transformadoras dos grupos com quem trabalhamos” (BRANDÃO, 2006, p. 19).

Se ambas as posturas metodológicas de investigação rompem com o paradigma interpretativo, o qual questionamos, esta dimensão interventiva e a meta de conscientização não nos convence como ponto primordial do processo interventivo. Deste modo, outra postura de intervir nos sugere pensar a dimensão da intervenção: trata-se da cartografia, método formulado por Gilles Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI; ROLNIK, 1986) o qual busca uma análise qualitativa, que vai além das representações estabelecidas. Apresentada não como um método pronto, a cartografia não separa o espaço do sujeito e permite a realização de percursos de intensidade que trazem novos significados, constituindo lugares de desejo e intensidade. Desse modo, a intervenção parece mais sutil e menos sujeita a impor conduções de conscientização iluminada. A cartografia define de forma mais simples que a intervenção deve fazer parte da postura do pesquisador e que a compreensão não ocorre separada da intervenção:

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga (PASSOS; BARROS, 2010, p. 30).

Desta forma, Passos e Barros (2010, p. 30) ressaltam que “conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas”. Abre-se então uma postura metodológica em que o distanciamento não é mais o centro e que a intervenção é parte do processo de pesquisa, sem necessariamente aparecer como uma bandeira política de conscientização. Acreditamos que intervir pode nem ter como meta a conscientização, embora a alcance ou não. Com isso, é possível manter o caráter e a busca da interpretação e da compreensão, mas com o objetivo de intervir junto com estes, na medida em que é realizado um duplo movimento entre os sujeitos.

De todo modo, ressaltamos que as reflexões tecidas neste artigo não têm propósitos de conclusões, pelo contrário, elas se referem a pontos que se ligam para compor e recompor nossas práticas de pesquisa. O objetivo foi demonstrar como a pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre se interligou a nossas vivências, traçando os territórios habitados por nós nesta trajetória, e os diálogos travados teoricamente em nossas experiências de pesquisa. Procuramos também ressaltar alguns questionamentos sobre o paradigma interpretativo que permanece como hegemônico nas pesquisas em Ciências Sociais e Humanas, sem a finalidade de romper com as posturas compreensivas, mas ampliá-la e integrá-la às propostas de intervenção que têm sido retomadas como propostas de pesquisas. Não nos desafiamos a discutir a cartografia neste artigo, mas revelar nossa aproximação com a intervenção, discutindo nossos modos de aproximação com este tema, definindo nosso olhar para certo sentido de intervenção para, em seguida, continuar nosso encontro com a cartografia e assim nos aprofundarmos nesse campo do conhecimento.

Referências

ABREU, Maria Evilene de Sousa. As apropriações e produções de sentidos da Comunicação Audiovisual por jovens do Assentamento Barra do Leme: um objeto de estudo em construção. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15., 2013, Mossoró, RN. *Anais...* Mossoró: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Editions Montparnasse. 2004. 1 DVD.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978. (Os Pensadores).

OLIVEIRA, Catarina Tereza farias de. *Escuta Sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias*. Campinas, SP: Faculdade de Educação, 2002.

_____. *O direito a palavra: comunicação, cultura e mediações políticas*. 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1994. Mimeografado.

_____. *A construção da auto-imagem do MST na sua mídia e suas relações estratégicas de inserção social global*. Relatório do estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17-31.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 13-59.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST*. 2003.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

TOSI, Rodrigues Alberto. *Sociologia da educação*. 6. ed. Lamparina, 2007.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TURINO, Célio. *Ponto de Cultura: O Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.